

Decifra-me ou devoro-te

ABORDAGENS INOVADORAS DE GESTÃO REVELAM QUE OS RESÍDUOS E EFLUENTES NÃO SÃO APENAS FONTES DE PROBLEMA, MAS TAMBÉM OPORTUNIDADE DE NOVOS NEGÓCIOS

TEXTO JULIANA LOPES

O que acontece se trocarmos a palavra resíduo por recurso? Essa mudança, nada sutil, proporciona uma série de oportunidades, mostrando que o maior desafio para o enfrentamento da problemática dos subprodutos das atividades econômicas é de ordem cultural. De repente, alguns materiais de descarte podem alimentar uma fábrica vizinha; o calor, que antes se dissipava, começa a ser usado como fonte de energia; os rejeitos de uma cidade são transformados em insumos para agricultura, entre outros exemplos.

“Os resíduos não são só uma fonte de problema, mas, sim, de oportunidade de novos negócios. Por muito tempo perdeu-se uma visão tecnicista, cuja lógica era tratar resíduo como se fosse algo sem valor”, afirma Jacques Demajorovic, professor do programa de pós-graduação em administração do Centro Universitário da FEI. Basta ver que a palavra lixo, amplamente usada para designar diferentes tipos de resíduos, refere-se a um material inútil, que se “joga fora”, “não presta” e, portanto, deve ser descartado.

“Quando não se atribui valor ao resíduo, ele representa apenas custos, aumentando as possibilidades de um descarte o mais barato possível para se livrar daquele material”, afirma Erich Burger, fundador da empresa social Recicleiros.

Mas, segundo ele, a partir do momento em que o resíduo passa a ter um valor, seu descarte se torna mais criterioso.

“Cito sempre o exemplo do ourives, o caso de gestão mais eficiente de resíduos que conheço. Por quê? O pó do ouro é tão valioso que não há

descarte nenhum. Todo material, seja o que resta da produção ou aquele de uma joia antiga que volta para reforma, é cuidadosamente coletado para ser usado novamente no processo. O mesmo acontece com as latas de alumínio, em torno das quais se formou uma economia no pós-consumo”, explica.

Para Maurício Waldman, professor-pesquisador do Instituto de Geociências da Unicamp, soluções integradas surgem a partir do momento em que os processos e produtos começam a considerar três fatores principais: matéria-prima, matriz energética e água. “Os modelos de gestão não levam em consideração essa tríade temática. Não dá para tratá-los como se fossem assuntos distantes. Basta um exemplo simples: segundo a Cetesb, 30% da poluição das águas urbanas no Estado de São Paulo decorre dos resíduos sólidos”, afirma.

É também no setor de tratamento de resíduos sólidos e de efluentes (esgoto residencial e águas industriais) que se encontra uma das únicas atividades com grande potencial de abatimento das emissões de gases de efeito estufa com custo negativo.

Segundo o estudo da empresa de consultoria McKinsey, Caminhos para uma Economia de Baixa Emissão de Carbono no Brasil, essas iniciativas têm custo médio negativo – 15 euros por tonelada de CO₂ – em razão das receitas originadas com as atividades. Mas elas dependem largamente de mudanças de hábitos. As barreiras tecnológicas atualmente são consideradas mínimas e podem estar completamente eliminadas em 2030.



ESTOCARPHOTO

Inovação a partir da gestão eficiente de resíduos

O DESAFIO INDUSTRIAL AGORA É DESENVOLVER NOVOS PRODUTOS NOS QUAIS OS RESÍDUOS POSSAM SER MINIMIZADOS OU REAPROVEITADOS

O lixo que vemos nas lixeiras representa apenas a ponta de um iceberg. Basta dizer que um produto contém, em média, 5% das matérias-primas utilizadas no seu processo de fabricação e entrega. "Por trás do saquinho que descartamos existem outros 60 correspondentes aos resíduos gerados na produção. O lixo domiciliar representa apenas 2,5% do total. Por outro lado, se as pessoas começam a repensar a sua geração de resíduos, reduzindo o consumo e optando por produtos mais eficientes, há uma reação em cadeia", reforça Waldman.

Diante dessa tendência, as empresas deverão olhar para os resíduos gerados não só pelas suas fábricas ou operações, mas também pelos seus fornecedores e clientes, responsabilizando-se em relação aos impactos causados pelos produtos ao fim de sua vida útil.

"O grande desafio que se coloca é orientar a pesquisa e o desenvolvimento de novos produtos, considerando como os resíduos podem ser eliminados ou reaproveitados no pós-consumo.

O ecodesign passa a ser um fator determinante para a inovação", destaca Demajorovic.

Burger cita exemplos de novos modelos de negócios que podem surgir a partir dessa perspectiva. "Em vez de o consumidor comprar um televisor e depois ter de descartá-lo, se estabelece um comodato vendido por meio de uma mensalidade para usar o aparelho", explica. "No momento em que o consumidor decide trocar o produto por outro mais moderno, a companhia pode oferecer o produto para outra pessoa ou mesmo reutilizar os seus componentes para fabricar um novo", conclui.

Esse modelo de negócio diminui a complexidade da gestão de resíduos, assegurando que o produto retornará à empresa no pós-consumo, além de estimular o desenvolvimento de bens com uma vida útil maior.

"Tudo isso vai criando uma cultura em que inovação e sustentabilidade caminham juntas e serão cada vez mais determinantes para a competitividade", reforça Demajorovic.